

19 NOV 1995

CORREIO BRAZILIENSE

JOSÉ SARNEY

Deodoro e a República?

Deodoro, o fundador da República, é uma figura singular. Os retratos que dele temos guardam os olhos de um homem possuído pelo demônio. São olhos de um temperamento forte, janelas de uma personalidade explosiva e de uma determinação apaixonada. Como todo temperamental, alternava momentos de grande exaltação com instantes de comportamento "alegre, folgazão e expansivo", como testemunham seus contemporâneos.

Sua adesão ao movimento revolucionário decorre de uma dessas fortes explosões de seu temperamento. Quando os seus interlocutores invocavam o fato de serem republicanos históricos da longa luta pela causa e suas virtudes, ele dizia:

"Pois eu sou um republicano de 15 de novembro e já cheguei a presidente da República. E meu irmão Hermes é do dia 17..."

Na realidade, a sua marcha republicana começou no dia 6 de outubro de 1889, trinta e nove dias antes da Proclamação, quando os oficiais Mena Barreto e Sebastião Bandeira chegaram do Rio Grande do Sul e foram visitar o velho chefe, que estava de cama. Mena Barreto contou-lhe, carregando nas tintas, justamente para aguçar-lhe o sentimento de revolta e seus brios de militar, as humilhações por que passava o Exército e a necessidade de depor Silveira Martins, no Rio Grande do Sul. Mas o que mais o aborreceu, daquele relato, como duro soldado, foi o tratamento dado a seus praças.

"Já reincluíram no 1º Regimento os homens que faziam parte do meu piquete?" — perguntou Deodoro.

Sebastião Bandeira respondeu que não e que continuavam no 7º Regimento de Cavalaria. O Marechal revoltou-se. Aberto o flanco, os visitantes começaram a contar o desprestígio em que se encontrava a corporação e que a Guarda Nacional fora autorizada a adestrar-se nos quartéis com a finalidade de dispensar o Exército e mandá-lo para casa como inútil. Deodoro exaltou-se e foi às raias da possessão:

— Não permitirei isto. Irei ao Parlamento... Assestarei a artilharia... e me entregarei depois ao povo para ser julgado.

— Não. V. Exa. será vencedor, será o ditador da República — responderam os oficiais que o visitavam.

Com grande argúcia, os revolucionários, que não eram republicanos, e sim opositores do gabinete, começaram uma grande agitação nos meios

militares, onde havia, há muito tempo, grande insatisfação.

Daí em diante as coisas se precipitam e ninguém detém a insurreição. Um boato, previamente acertado, é o motivo da revolta: Deodoro tinha sido preso, com outros militares, batalhões foram dissolvidos, etc. A reação foi imediata e a sedição tomou conta dos quartéis e chegou ao Largo de Santana. Tudo acontecia velozmente e em breve

a República estava proclamada. Sem povo e sem republicanos. Sem ninguém entender nem perceber. Fora um episódio militar.

Seus primeiros anos foram difíceis. O temperamento de Deodoro, explosivo e firme na rígida disciplina que lhe formara o caráter nos quartéis, em breve o afastaria dos colegas, principalmente de Floriano e de Benjamin Constant.

Mas o que fica para a História é a figura de um Deodoro teimoso, colérico e que sofreu com o poder, pois dele não gostava. Fez a República sem querer e governou sem nenhuma aptidão para o cargo. Ele era militar, herói da Guerra do Paraguai e comandante de tropa. A política lhe era estranha. Certa vez escreveu a Rui Barbosa que viesse ocupar o cargo, pois "não tinha paciência de Jó", e, quando amargurado pelas dissensões, desmoronado seu governo, teve de renunciar à Presidência da República, disse que naquele instante estava liberto o "último escravo do Brasil". De seus colegas militares tomou um ódio e um ressentimento que carregou no caminho da morte. Não aceitava visitas de fardados. Mandou colocar o seu uniforme numa lata lacrada e, por vontade testamentária, quis ser enterrado vestido à paisana.

Mas tinha bom humor e contavam-se várias histórias dos seus despachos. Quando lhe pediam estradas de ferro, respondia que ia conceder uma só, aquela "que fosse do inferno até a casa da mãe de quem a pedia". A uma velha que reclamava que ele não a nomeava porque era velha, ele respondeu: "Velha e feia".

Quando teve de posar para Bernardelli pintar o famoso quadro em que ele aparece, quepe ao alto, na mão, montado num belíssimo cavalo, ressaltou ao ver a obra que quem estava melhor era o cavalo...

Mas foi um homem que prestou grandes serviços ao país. Dizia que não devia nada a ninguém, só a Solano López, que provocou a Guerra do Paraguai, em cuja luta tinha provado sua coragem, valor de soldado e amor ao Brasil. Era homem instruído. Gostava de latim e de música. Seu espírito público está presente nas observações que escreveu, artigo por artigo, no projeto da Constituição de 1891, pelas quais se pode ver um homem metucioso, de grande preocupação pelas virtudes morais, pela criação de instituições democráticas e que escreveu ao lado da palavra "República", como base do novo regime, outra palavra que constitui fundamento irrevogável de nosso pacto histórico: "Federação".

Como testemunho do ressentimento com os colegas de farda, determinou que fosse enterrado à paisana, sem homenagens. Sua grandeza e simplicidade, virtudes republicanas, estão expressas na determinação de que em seu túmulo só constasse um simples nome: Deodoro. Assim está na lápide de sua sepultura.

Esse foi o fundador da República e demolidor do Império, que ele amava, e de um imperador, que ele respeitava.

José Sarney é presidente do Senado Federal

Tudo rápido, sem povo e sem republicanos